



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 32 – julho de 2024

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2024i32p274-292>

**Poe na Psicanálise: relação entre automatismo de repetição
e insistência das cadeias significantes em *A carta roubada***

**Poe in Psychoanalysis: relationships between automatism of repetition
and the insistence of the significant chains in *The purloined letter***

*Jorge Francisco da Silva*¹

*Glória Maria Monteiro de Carvalho*²

*Maria de Fátima Vilar de Melo*³

RESUMO

Este artigo explora ligações entre Literatura, Linguística e Psicanálise, a partir do seminário de Lacan (1995/1998) sobre o conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe. Lacan recorre não apenas ao trabalho de Freud sobre a repetição como também à noção da ordem simbólica desenvolvida por Saussure e Jakobson. Lacan analisa a relação entre o automatismo de repetição, a insistência da cadeia significante, a ordem simbólica e as formações do inconsciente. Além de considerações sobre a arte da composição e da predominância das cadeias significantes na obra de Poe, também são discutidas a relação entre a noção lacaniana de inconsciente estruturado como uma linguagem e a determinação do sujeito pelo significante. Entendemos que a trama urdida por Poe funciona como uma analogia da autonomia das cadeias significantes sobre a significação, à medida que permite acompanhar a evolução da história mesmo sem informações acerca do conteúdo da carta.

PALAVRAS-CHAVE: Poe; Lacan; Saussure; Freud; Leitura psicanalítica do signo linguístico

ABSTRACT

This article explores connections between Literature, Linguistics and Psychoanalysis, based on Lacan's seminar (1995/1998) on the short story “The Purloined Letter”, by Edgar Allan Poe. Lacan draws not only from Freud's work on repetition but also from the notion of symbolic order developed by Saussure and Jakobson. Lacan analyzes the relationship between the automatism of repetition, the insistence of the signifying chain, the symbolic order and the formations of the unconscious. The article includes considerations about the art of composition and the predominance of signifying chains in Poe's work, the

¹ Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP; Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem – Recife – PE – Brasil – jfstradutorpublico@gmail.com

² Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP; Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem – Recife – PE – Brasil – gmmcarvalho@uol.com.br

³ Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP; Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem – Recife – PE – Brasil – fatima.vilar@unicap.br



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 32 – julho de 2024

relationship between the Lacanian notion of the unconscious structured as a language and the determination of the subject by the signifier. We understand that the plot woven by Poe works as an analogy of the autonomy of significant chains over signification, as it allows us to follow the story even without information about the content of the letter.

KEYWORDS: Poe; Lacan; Saussure; Freud; Psychoanalytic reading of the linguistic sign

Considerações iniciais

Este artigo encontra-se na confluência de dois campos, Psicanálise e Literatura, enfocando a leitura que Lacan fez do conto de Edgar Allan Poe, “A carta roubada” (2006), durante o *Seminário II, O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* (1954-1955). Esse trabalho de Lacan ficou conhecido como “Seminário sobre A carta roubada”, tendo sido inicialmente publicado em uma versão reescrita, de 1956, na revista *Psychanalyse*, editada naquele ano. Tempos depois, esse Seminário vai compor a obra *Escritos* (1966/1998) (Massat, 2017, p. 1-10). A presença da Literatura na Psicanálise foi instaurada por Freud e não só mantida como também cultivada por seus herdeiros. Dentre eles, destaca-se Lacan, que não hesitou em recorrer à literatura em seus seminários e conferências proferidas na França ou alhures. Essa presença produz-se de modo bastante heterogêneo, estabelecendo, assim, diferentes relações, que são incentivadas ou rechaçadas em função dos perigos que comportam ou poderiam comportar, como, por exemplo, a redução de um campo ao outro ou o amálgama entre esses campos. Perigos para os quais deve-se estar sempre atento ao se trabalhar nessa confluência. A esse respeito, Willemart (2007) afirma que o trabalho concernente às relações entre a literatura e a psicanálise impõe tanto ter conhecimento dos campos do saber quanto distinguir os seus objetivos. Assim, pode-se instaurar as relações não a partir de um campo ou de outro, mas da busca “de uma compreensão maior do ser humano” (p. 57), objetivo compartilhado por todas as ciências humanas.

Recorremos, aqui, ao excelente artigo de Rosembaun (2012) que procura elucidar os pontos de intersecção entre a Literatura e a Psicanálise. Nesse sentido, propõe que a palavra e seus deslizamentos é o que caracteriza, acima de tudo, esses campos. “E essa palavra movente, cambiante e criadora está nos textos dos escritores, está na fala dos pacientes, em seus relatos de sonhos, em seus atos falhos, seus lapsos de linguagem” (p. 225). A autora prossegue, lembrando que tanto a Psicanálise como a Literatura se acham “[...] na condição de signo desautomatizante, desalienante, inusitado, que rompe o *status quo* da língua e desafia o que teima em se acomodar” (p. 226). Para concluir a discussão, a autora recorre a uma famosa frase de Octavio Paz: “Tanto a psicanálise como a literatura falam de algo que escapa pelas malhas da linguagem, mas que só nela pode ser flagrada” (p. 225).

A posição desses autores guiou a produção deste artigo, cujo objetivo é discutir o trabalho de Lacan concernente à relação entre a cadeia significante e o automatismo de

repetição no conto de Poe “A carta roubada” (2006). Nesse sentido, destaca-se a importância da linguagem na obra de Lacan e, mais especificamente, na compreensão que desenvolve sobre a repetição, conceito proposto por Freud, considerado por Lacan (1973/1988), em seu *Seminário XI*, realizado em 1964, como um dos conceitos fundamentais da Psicanálise. Pareceu-nos necessário, contudo, iniciar com uma abordagem da obra de Poe antes de entrar, mais especificamente, em nosso objetivo.

1 Ficção e realidade

Weinstein (1998) afirma que Poe é certamente uma das figuras mais estranhas da paisagem literária norte-americana e, para muitos, sua história pessoal - órfão, repudiado, casado com sua prima de 14 anos, alcoólatra, endividado, encontrado à beira da morte em uma rua de Baltimore - reflete-se em seus personagens e histórias. Por outro lado, prossegue Weinstein, Poe é um dos escritores mais marcantes do século XIX, pois influenciou e serviu de inspiração para a literatura europeia, especialmente na França. Baudelaire, poeta simbolista francês do século XIX, considerava Poe um gênio e, ao traduzir seus poemas, atraiu a atenção de integrantes do movimento surrealista e, posteriormente, das tradições psicanalíticas. Poe tornou-se intelectualmente importante na França do século XIX por seu talento e profundidade, mas também pelo fato de sua famosa criação, o detetive Dupin, ser francês e atuar em Paris. Weinstein destaca que Poe, além de poeta romântico de virtuosismo técnico incomparável, também foi crítico literário de primeira linha, teórico da arte e criador de gêneros literários como a ficção científica, os contos policiais e de horror. Sua obra envolve segredos prodigiosos, beleza, morte e melancolia, ou seja, temas que residem em nosso inconsciente coletivo, esperando para ser finalmente revelados. Poe é considerado o pai da ficção policial⁴. O *Chevalier Auguste Dupin* aparece nos seus três contos sobre detecção e investigação: “Os assassinatos na rua Morgue” (2006), “O mistério de Marie Roget” (2006) e “A carta roubada” (2006).

Thoms (2004) entende o conto policial de Poe como uma narrativa cujo interesse primário reside na descoberta, por meios racionais, das circunstâncias exatas de um

⁴ Embora o foco da discussão, neste artigo, seja as relações entre Literatura e Psicanálise em “A carta roubada”, as contribuições de Poe para o gênero da ficção policial vão muito além da trilogia de Dupin. Contos como *The gold-bug* (1843), *The man of the crowd* (1840) e *Thou art the man* (1844) também envolvem tramas baseadas em investigação, raciocínio lógico e criptografia.

evento misterioso ou de uma série de acontecimentos. O relato dessa busca por uma explicação e solução desenrola-se como uma espécie de quebra-cabeça ou jogo, uma brincadeira envolvendo raciocínio lógico e prazer para o detetive e para o leitor. A popularidade das histórias de Poe e de seus sucessores, como Conan Doyle (Sherlock Holmes) e Agatha Christie (Hercule Poirot), deriva em parte desse envolvimento intenso, em que, no escrutínio de provas e na interpretação de pistas, o leitor torna-se um detetive e o detetive um leitor (Thoms, 2004). Weinstock (2018) ressalta que, além de Lacan, Poe também conseguiu atrair o interesse de outros teóricos e críticos pós-estruturalistas. A ficção de Poe tem sido usada notavelmente por Jacques Derrida, Barbara Johnson, Dennis Pahl, Michael JS Williams, J. Gerald Kennedy e Louis A. Renza para ilustrar afirmações pós-estruturalistas sobre a natureza do *self* e da linguagem. Para Weinstock (2018), esses pensadores encontraram pontos de congruência entre suas próprias filosofias e ideias expressas nos escritos de Poe, e assim, recorrem à sua obra como meio de elaborar seu próprio pensamento. Finalmente, o interesse pelas histórias de Poe é constantemente renovado devido ao vigor e à longevidade dos temas por ele escolhidos. Em particular, “A carta roubada” trata de crimes, detecção, descoberta, raciocínio e razão e de lutas de poder baseadas no controle e no uso ilícito de informações.

2 Repetição e composição

Em geral, o tratamento das cadeias significantes na linguagem ocupa lugar de destaque na obra de Poe. Em “Os assassinatos da rua Morgue” (2006), Dupin desvenda um misterioso assassinato em que cinco testemunhas (de diferentes nacionalidades) descrevem ter ouvido gritos das vítimas e a *fala* dos suspeitos. Estranhamente, nenhuma das testemunhas consegue identificar o idioma usado pelos agressores, exceto por uma única passagem proferida pela mesma voz rouca: “*sacré*”, “*diable*” e “*mon Dieu*” (Poe, 2006, p. 249). E essa é a chave para solucionar o caso. Em “O mistério de Marie Roget” (2006), Dupin aponta os culpados do crime pela leitura e análise das variações nos relatos de diferentes periódicos que cobriram a notícia da morte da vítima. Segundo Thoms (2004), Poe usou essa ficção para revelar os prováveis culpados pela morte de certa Mary Rogers, caso real ocorrido nos Estados Unidos. É devido à técnica de composição de Poe, com planejamento, cálculo e análise da criação, desenvolvimento e desfecho das narrativas, além das variações e repetições dos temas e dos significantes que Lacan identificou o princípio do automatismo de repetição e a insistência das cadeias

significantes. Entretanto, talvez o melhor exemplo de repetição e insistência no uso das cadeias significantes seja a obra mais famosa de Poe, “O Corvo” (2006). Em seu ensaio *The Philosophy of Composition* (2006), Poe descarta a inspiração na composição de sua obra e descreve o método racional e lógico por ele empregado para criar a ordem simbólica e as formações do inconsciente identificadas por Lacan no *Seminário* (1998). Segundo o autor:

Todo enredo para ser digno desse nome, deve ser elaborado até o seu desfecho, antes que se encoste a pena no papel. É apenas com o desfecho constantemente em vista que podemos conferir a um enredo seu indispensável ar de consequência ou causalidade [...] (Poe, 2006, p. 543).

Para compor *O Corvo* (2006), Poe decidiu primeiro sobre as questões das unidades de tempo e espaço. Depois, procurou um tema que relacionasse melancolia, perda, morte e destino. Ocorreu-lhe que uma expressão deveria ser repetida com frequência e em intervalos regulares: *Nevermore*. Mas tal recurso teria mais impacto se empregado por uma ave capaz de vocalização como um papagaio. Felizmente, Poe descartou a ideia imediatamente e optou mais acertadamente por um corvo, ave de agouro e mais em sintonia com a tônica do poema. Destaca-se, então, nessa repetição da mesma expressão, com os mesmos intervalos e frequência, aquilo que Felman (1987) denomina *movimento em elipse*, um movimento reflexivo. Trata-se de um insistente retorno, ao mesmo em que está implicada a diferença. A esse respeito, afirma a autora:

[...] é precisamente a forma pela qual um movimento reflexivo, ao retornar a e sobre si mesmo, efetivamente *subverte a si mesmo* – encontra outra coisa diferente do que havia esperado, do que havia procurado de início; o modo pelo qual o que está girando, o que retorna a si, radicalmente desloca o próprio ponto de observação (Felman, 1987, p. 67, grifo próprio).

3 Leitura lacaniana de “A carta roubada”

Prado (2009) observa que a análise lacaniana envolve variações de duas cenas e quatro ou cinco personagens do conto. Na primeira, o Ministro D- entra no apartamento real no momento em que a Rainha lê uma carta e, perturbada com a entrada do Rei, tenta escondê-la sem sucesso em uma gaveta, mas acaba colocando a carta sobre a mesa para não atrair a atenção do soberano. A carta em questão está virada e apenas o endereço do

destinatário está visível. O Ministro D- percebe a atitude da Rainha, que olha o Rei, que nada vê. Com seus “olhos de lince” (Lacan, 1998, p. 15), o Ministro D- lê rapidamente o endereço na carta e reconhece a caligrafia do remetente. Em seguida, segundo, Prado, o Ministro D- retira rapidamente uma outra carta do bolso, conversa sobre assuntos gerais com os soberanos, finge ler a sua carta e a coloca, na mesa, junto à primeira. O Ministro D- reinicia, então, uma breve discussão sobre assuntos de Estado com as realezas e se prepara para deixar os aposentos reais, não sem antes apanhar as duas cartas da mesa, descartar a sua e levar a carta *comprometedora*. A Rainha testemunha todas as manobras, mas nada pode fazer para não atrair a atenção do Rei ao seu lado. Na segunda cena, o Chefe de Polícia faz uma busca no apartamento do Ministro D- para tentar, em vão, recuperar a carta e, depois, recorre a Dupin. O detetive visita o apartamento do Ministro D- e encontra a carta bem à vista, tal como tinha estado também à vista no apartamento real. Durante a segunda visita ao Ministro D-, Dupin emprega um subterfúgio para distraí-lo, como distraído estava o Rei e, em ardil idêntico àquele usado pelo Ministro junto à Rainha, substitui a carta roubada por outra semelhante e, finalmente, a devolve à Rainha. Dupin explica seu êxito em encontrar a carta, apesar dos melhores esforços da polícia parisiense, devido à capacidade de antecipar os movimentos do seu oponente. No conto, o detetive revela ao Chefe de Polícia seu método de dedução e inferência por meio de um relato sobre um menino que sempre ganhava as bolinhas de gude dos adversários porque conseguia *ler* seus pensamentos. Assim, consegue prever as ações do Ministro D- porque, com ele, mantém um relacionamento muito particular, como veremos oportunamente. Araújo (2013) também destaca o papel central dos segredos, traições e subterfúgios na trama. O paradeiro da carta e seu conteúdo impulsionam a história, à medida que a simples possibilidade do seu vazamento mantém todos os personagens na defensiva e em alerta. A revelação desses segredos tem o poder de provocar a morte simbólica dessas personagens porque revelaria suas verdadeiras faces. A honra da Rainha estaria comprometida, o Ministro D- seria desmascarado e o escândalo afetaria em cheio o Rei e até a segurança do próprio Estado.

Embora Lacan engrosse a fila de leitores célebres da obra de Poe, seu “Seminário sobre A carta roubada” não é nem de longe uma leitura comum e muito menos uma crítica literária. Essa leitura foi realizada por meio da lente da Psicanálise, tendo o trabalho de Freud sobre repetição como um dos pilares. Destaca-se também a presença da Linguística, representada, aqui, pelo pensamento de Saussure e de Jakobson e, em menor medida, de Benveniste. A influência desses autores levou Lacan a dar um lugar determinante à ordem

simbólica no automatismo de repetição. Lacan, ao abordar o motivo pelo qual fará o seminário, disse:

Foi por isso que pensamos em ilustrar hoje a verdade que brota do momento do pensamento freudiano que estamos estudando, ou seja, que é a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito, demonstrando-lhe numa história de determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante (1998, p. 14).

Segundo Rabaté (2003), Lacan é frequentemente associado a uma *virada linguística* na psicanálise, ou seja, levou-a a um afastamento ainda maior da biologia e da metapsicologia, dando à linguagem um lugar central, tanto na prática clínica quanto na teoria. Essa virada linguística foi motivada por uma reação contra a psicologização da psicanálise, que dominava na época da morte de Freud, especialmente sob a influência de sua filha, Anna Freud. Bouissac (2004) afirma que a perspectiva lacaniana reformula a teoria freudiana do inconsciente, fundamentando-a em conceitos linguísticos do dito estruturalismo europeu, como já foi afirmado antes.

Para avançar na teorização psicanalítica e, conseqüentemente, investigar e sistematizar os *insights* freudianos sobre a relação entre linguagem, inconsciente e vida psíquica, Lacan tirou partido da Linguística. Mais especificamente, Lacan recorreu à teoria saussuriana do signo, às definições concernentes à língua, fala e linguagem, bem como ao pensamento de Jakobson sobre os processos e eixos de funcionamento da linguagem, a saber, os processos metafóricos e metonímicos. Lacan, segundo Bouissac (2004), redefiniu noções emprestadas a esses teóricos, cunhou novos termos e, através de sua perspectiva, promoveu um avanço significativo na psicanálise, ao desenvolver e formular novos conceitos freudianos.

A noção de ordem simbólica, que se encontra intimamente ligada à sua afirmação de que “[...] o inconsciente é estruturado e tecido como uma linguagem” (Lacan, 1997, p. 139) é, sem dúvida, tributária de trabalhos desses linguistas, bem como o seu conceito de sujeito. Nesse sentido, destaca Rabaté (2003), o freudismo lacaniano encontra paralelos na revisão da fenomenologia husserliana realizada por Heidegger, que também exerceu uma influência duradoura sobre Lacan. Na visão de Heidegger, a linguagem poética implica uma ontologia definida pela linguagem. No entanto, Lacan logo substituiu a concepção de Heidegger sobre as ligações entre linguagem e ontologia por uma perspectiva que adaptou livremente a linguística estrutural de Saussure e Jakobson.

Também é importante ressaltar que a linguística não foi a única ciência que despertou o interesse de Lacan. Seus seminários apresentam uma riqueza de referências à antropologia, religião comparada, lógica, matemática, incluindo até a teoria dos conjuntos. As artes, com exceção da música, também são referidas, sobremaneira a literatura, sendo citados vários autores, dentre os quais James Joyce, que foi responsável por uma formulação teórica importante. “Pode-se dizer que existe um mito muito forte da ciência em Lacan, embora essa ciência não seja de forma alguma idêntica à ciência que Freud tomou por modelo” (Rabaté, 2003, p. 12).

Para dar conta da determinação significante sobre os deslocamentos dos sujeitos, da intersubjetividade⁵, do enredo, das cenas e das descrições na história de Poe, Lacan (1998) faz uma leitura cotejada do texto original em inglês e da tradução de Baudelaire, à qual reserva algumas críticas, apontando, por exemplo, para a questão do título e da descrição do local onde a carta foi eventualmente encontrada. Lacan questiona, então, a escolha do termo *volée* (roubada) e sugere *extraviada* ou *desviada* com base na etimologia da palavra *purloined* segundo o *Oxford English Dictionary*⁶. Lacan também observa que Baudelaire localiza a carta acima do parapeito da lareira, enquanto Poe descreve um local abaixo. Imprecisões à parte, esses detalhes são relevantes segundo a psicanálise lacaniana, como veremos neste artigo.

4 Repetição na psicanálise

Como foi referido antes, a noção freudiana de repetição é fundamental para a leitura do conto “A carta roubada” feita por Lacan. Freud, para referir-se à repetição, usa: *Wiederholen*, *Wiederholung* e *Wiederholungszwang* (Adler, 2017). Entre esses termos, o último é o que se deve reter, pois foi o termo empregado por Lacan no *Seminário* em tela. Em um artigo concernente à repetição, Adler expõe de forma cuidadosa a trajetória de Freud, para conceitualizar esse fenômeno, identificado desde os primórdios dos seus estudos. No livro que publicou em parceria com Breuer, *Estudos sobre a histeria* (1895/2016), Freud escreveu que os pacientes padeciam de reminiscências. Nesse mesmo período, Freud publica sozinho dois livros, *Sobre a concepção das afasias*: um estudo

⁵ Esse termo intersubjetividade usado por Lacan neste seminário, para dizer dos efeitos dos deslocamentos dos sujeitos na trama, foi inteiramente abandonado pelo autor no decorrer do avanço de seu ensino.

⁶ Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/purloin>. Acesso em 3 mar. 2024.

crítico (1891/2013) e *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996). Na primeira parte desse último, também pode-se encontrar referência à repetição. Em *Psicopatologia da vida quotidiana*, publicado em 1901, Freud assinala que a repetição das mesmas palavras é muito frequente ao se escrever ou copiar, de modo que se deve prestar atenção às perseverações, pois elas têm significação.

Já em *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905/1996), Freud relaciona sexualidade à repetição, observando a influência da primeira sobre a segunda, ao notar que o efeito compulsivo de repetição, no adulto, tem relação com impressões sexuais precoces de neuróticos e de perversos. Irá encontrar-se próximo de formalizar o conceito de repetição no seu trabalho, *Recordar, repetir e elaborar* (1914/1996) (Freud, 2017, p. 61-72). Convém destacar que Freud, nessa trajetória, formulou inicialmente a noção de automatismo de repetição, vinculando-a ao princípio do prazer. No entanto, admitiu, posteriormente, em *Além do princípio do prazer* (1920/1996), que essa noção abrange tanto as vivências prazerosas, quanto as desprazerosas, como, por exemplo, as vivências de fracasso, não se reduzindo ao sintoma, uma vez que possui o estatuto de constituinte do psiquismo. Nessa perspectiva, a repetição seria fundadora do pulsional, destacando-se, nela, “essa perpétua recorrência da mesma coisa” (Freud, 1920/1996, p. 33). Ao se referir a experiências de fracasso que se repetem na vida de pessoas “normais”, o pai da psicanálise usa a expressão “destino maligno”, afirmando:

O que a psicanálise revela, nos fenômenos de transferência dos neuróticos, também pode ser observado na vida de certas pessoas normais. A impressão que dão é de serem perseguidas por um destino maligno ou possuídas por algum poder ‘demoníaco’ (Freud, 1920/1996, p. 32).

Conforme já se afirmou antes, esse esforço freudiano para dar um estatuto teórico à repetição está na base da leitura lacaniana sobre “A carta roubada”. Segundo Martins (2009), Lacan destaca ou recorre à cadeia significante ao reinterpretar a noção freudiana de automatismo de repetição “*Wiederholungszwang*” (Lacan, 1966/1998), tirando partido do conto para demonstrar como a insistência da cadeia significante, na história, envolve a repetição de temas como sagacidade, subterfúgios, roubos, segredos e chantagens.

5 Automatismo de repetição e sujeito

Segundo a leitura de Araújo (2013), Lacan demonstra como a insistência e a repetição da cadeia significante são usadas para descrever o desejo dos personagens de escapar de sua castração, exorbitar das limitações e deveres impostos pelos seus papéis e fugir da morte simbólica. Os personagens, prossegue a autora, estão presos em uma trama lógica que ora procura velar, ora procura desvelar o segredo de uma verdade. A cada um cabe elaborar o seu ser em conformidade com a possibilidade de uma morte simbólica. “Ao mesmo tempo, a não revelação do segredo faz com que a mesma cadeia significante insista” (Araújo, 2013, p. 4). Martins (2009) justifica o comentário de Lacan quanto à infidelidade do título da história de Poe. Na sua tradução para o francês de *La lettre volée*, Lacan sugere *A carta posta de lado*, *A carta virada*, ou ainda, *A carta revirada*. Esse sujeito central, a carta desviada, seus trajetos, trilhas e deslocamentos determinam os papéis e as metamorfoses dos personagens no desenrolar da história. Lacan, ao relacionar o automatismo de repetição freudiano à insistência da cadeia significante, realça os efeitos determinantes para o sujeito. A esse respeito, o autor coloca:

Nossa investigação levou-nos ao ponto de reconhecer que o automatismo de repetição [...] extrai seu princípio do que havíamos chamado de insistência da cadeia significante [...] que rege os efeitos psicanalíticos determinantes para o sujeito (Lacan, 1998, p. 13).

De acordo com Martins (2009), para Lacan, esse automatismo de repetição, presente para além do princípio do prazer, reflete-se nos trajetos e na insistência da ligação entre os significantes e está relacionado com a “*ex-sistência*” do sujeito do inconsciente, determinado pela vinculação entre os significantes e, ao mesmo tempo, exterior à sua cadeia, já que não pode relacionar-se a nenhum deles em particular, mas sim, ao intervalo entre eles.

6 Outras leituras lacanianas de Poe

Aqui, aproveitamos para fazer algumas considerações e adicionar pontos não observados até agora, mas importantes para entender um pouco mais da arte, do apuro, da técnica e do estilo de Poe, identificados por Lacan como predominância no uso das cadeias significantes. Particularmente impressionante é a construção da estrutura dessas cadeias e o que elas são capazes de fazer, de maneira sutil, velada e com um mínimo de informação para o leitor. Nada substitui uma leitura atenta desse breve conto policial;

contudo, passamos a destacar, como em uma espécie de nota de pé de página estendida, em consonância com uma leitura lacaniana, alguns aspectos identificados por Lacan como característicos da trilogia de Poe sobre os extraordinários poderes de dedução do personagem Dupin. Antes de Lacan, outros psicanalistas já haviam se interessado por Poe e sua obra. Felman (1987) coloca que as primeiras leituras psicanalíticas de Poe, as assim chamadas análises psicobiográficas, como *The life and works of Edgar Allan Poe: a psychoanalytic interpretation*, de Bonaparte (1949), são tentativas reducionistas de atribuir um significado unitário⁷ aos textos de Poe. Entretanto, analistas como Sebeok (1983), veem Poe como um *genial impostor* que gosta de explorar a ambiguidade, o duplo sentido e os jogos de palavras. O nome francês *Dupin*, por exemplo, tem, em sua etimologia, a conotação de *enganador* ou *pregador de peças*⁸.

Retornando ao conto, sabemos que o narrador e Dupin são informados sobre os pormenores da carta, mas Poe nunca no-los revela. Recebemos apenas detalhadas descrições de como a carta física é adulterada e transformada no curso da história⁹. Lacan interpreta essa omissão consciente, economia ou sutileza no estilo como sinal de que a existência e os movimentos da carta, as reações dos personagens, conforme estabelecidos na ordem simbólica, são elementos suficientes para que o leitor acompanhe a história através das ações, reações e motivações dos personagens. De fato, Poe chega a ser genialmente minimalista na apresentação de informações ao leitor. Para as datas, usa expressões como “... em Paris, no outono de 18...”. E quanto aos personagens, o detetive é o único que tem título honorífico, nome e sobrenome: *Chevalier*¹⁰ Auguste Dupin. Os outros personagens são descritos por seus títulos e cargos (Rei, Rainha, Ministro, Chefe de Polícia etc.) ou por iniciais: G- (Chefe de Polícia) e D- (Ministro).

Outro ponto importante a ser destacado é como Dupin consegue prever os movimentos do seu oponente, o Ministro D-, enquanto que o Chefe de Polícia claramente subestima o Ministro, porque confia que os procedimentos investigativos e a experiência da polícia parisiense serão suficientes para recuperar a carta. Lacan (1998) descreve essa

⁷ Bonaparte (1949) identifica temas recorrentes como necrofilia e um complexo de Édipo, devido à relação de Poe com a morte prematura de sua mãe.

⁸ Sebeok (1983) observa um conjunto de estruturas de repetição na trilogia de Poe, envolvendo triângulos, trindades e trios. Dupin e o narrador moram em uma mansão no número 33, Rue Dunôt, 3º andar, Faubourg St. Germain.

⁹ Dupin relata que encontrou a carta nos aposentos de D- “[...] virada do avesso, manchada, amassada, rasgada quase na metade, timbrada com o selo do Ministro e a ele endereçada em uma caligrafia marcadamente feminina” (Poe, 2006, p. 8).

¹⁰ Título honorífico dos cavaleiros do imperador francês Napoleão Bonaparte (Fonte: Oxford Concise English Dictionary, 11th edition).

habilidade como “truque” ou “manobra” (p. 22), mas Poe a descreve como “cadeia de raciocínio” (2006, p. 244). Dupin sabe que o Ministro espera que os seus aposentos sejam vasculhados em diferentes ocasiões por equipes da polícia e que até a sua pessoa será eventualmente abordada, o que realmente acontece em duas ocasiões, em um artil usado por policiais à paisana que encenam um assalto contra o Ministro a pretexto de fazer uma revista. Poe explica o método de Dupin nos seguintes termos: “[...] as características mentais descritas como analíticas são, em si mesmas, pouco suscetíveis de análise. Nós as apreciamos apenas em seus efeitos” (2006, p. 238). Por sua vez, Felman (1993) observa que Dupin chama de *análise* um conjunto de princípios notavelmente semelhante às descobertas posteriores da psicanálise. Mas, o método de Dupin inclui, além da análise, cálculo e intuição. “Calcular é diferente de analisar” (Poe, 2006, p. 238). O cálculo, segundo Harrowitz (1983), depende de operações indutivas e dedutivas, como Poe deixa claro em seus exemplos no jogo de xadrez. A análise, no entanto, é uma habilidade muito mais complexa. Os oponentes fazem, em silêncio, uma série de observações e inferências e a diferença na extensão das informações obtidas não reside tanto na validade da inferência quanto na qualidade da observação. “É mais importante saber *o quê* observar” (Poe, 2006, p. 240). Aqui, Poe, semioticamente, identifica suas pistas fazendo raciocínios reversos, interpretando sinais visuais e sensoriais, enquanto que Lacan (1998) faz o mesmo através da análise da insistência das cadeias significantes, do automatismo de repetição e das relações intersubjetivas nas narrativas sobre o itinerário da carta.

Dupin, após a primeira visita do Chefe de Polícia com relatos detalhados sobre os métodos de busca e seus resultados, conclui que a carta ainda está no apartamento do Ministro, pois seu poder de pressão depende de ela estar “à mão e pronta para ser usada” (Poe, 2006, p. 314). Conclui ainda Dupin que a carta roubada está “escondida à vista de todos” (p. 314) e que sua aparência foi provavelmente alterada. Aliás, a mística que cerca “A carta roubada” é o fato de Poe demonstrar como é possível esconder algo em plena vista. O Ministro sabe que a polícia busca recuperar algo oculto e de aparência definida – e esse é o seu trunfo. Há, portanto, uma relação entre o *esconder* e o *estar à vista* que será tratada mais adiante. Antes da segunda visita do Chefe de Polícia, Dupin visita o Ministro duas vezes. Na primeira vez, localiza a carta porque sabe para onde deve dirigir o seu olhar e, na segunda, a substitui por uma carta falsa com um epigrama que o Ministro

deverá reconhecer¹¹ como de sua lavra e caligrafia: *Um destino tão funesto, se não for digno de Atreu, é digno de Tiestes*¹².

Já que o automatismo de repetição e as cadeias significantes guiam a leitura lacaniana de Poe, é interessante perguntar qual seria o início e a extensão dessa cadeia. Johnson (2014) analisa a referência à *Casa de Atreu* (uma das mais conturbadas e disfuncionais da mitologia grega) de Crébillon, poeta trágico e dramaturgo francês do final do século XVIII. Segundo Johnson, a menção a Atreu e a Tiestes, irmãos gêmeos da mitologia grega encurralados em uma trágica luta fratricida, sugere que Dupin e o Ministro D- se conhecem de longa data e que seu relacionamento envolve conflitos, cobiça, inveja e vingança. A inclusão desses personagens no conto de Poe é notável não apenas porque conta uma história de vingança, mas porque narra uma repetição simétrica do crime original, motivado precisamente por meio de uma carta roubada. Uma carta informa ao rei Atreu que foi traído e serve como instrumento de sua vingança; o próprio rei roubou a carta escrita pela rainha para seu amante, Tiestes, pouco antes da rainha morrer. A carta revela que Plístenes, que todos acreditam ser filho de Atreu, é na verdade filho de seu irmão Tiestes. Tendo mantido a carta e sua mensagem em segredo por 20 anos, Atreu planeja forçar Plístenes, inconsciente de sua verdadeira filiação, a cometer patricídio. Frustrado nesse plano pela recusa de Plístenes em matar o pai de sua amada, Teodamia, que é, na verdade, sua irmã, Atreu é forçado a usar a carta para reunir a família ilícita e transformar sua vingança de patricídio em infantofagia, já que Plístenes é morto e servido, ao próprio pai, como alimento em um banquete. Para Johnson (2014), aqui tem início a cadeia de repetição de temas: uma rainha traindo um rei, uma carta representando essa traição sendo furtada para fins de poder, uma eventual devolução dessa carta ao seu destinatário, acompanhada de um ato de vingança que duplica o crime original. Embora “A carta roubada” não seja tão trágica quanto o mito grego, certamente, é possível identificar ecos e repetições entre as duas histórias.

Também consideramos relevante destacar o jogo paradoxal entre *esconder* e *estar à vista*: conforme foi colocado antes, é quando está à vista de todos que a carta-significante e seus efeitos de sentido conseguem esconder algo, conseguem proteger os personagens de algo aterrorizante, destruidor; lembremos que a revelação do que estava

¹¹ Existe uma animosidade histórica entre Dupin e o Ministro apenas sugerida na história. Dupin (Poe, 2006, p. 344) menciona certo incidente em Viena, quando foi enganado pelo Ministro. Dupin prometeu se vingar e aproveitou a ocasião da troca da carta para deixar uma pista de sua identidade na mensagem inscrita para D.

¹² *Un destin si funeste, S'il n'est digne d'Atrée, est digne de Thyeste* (Crébillon's 'Atrée').

lá escrito, conforme se especulava, ameaçaria não apenas destruir o casamento real, mas também o próprio reino, desestabilizando as estruturas de poder. Recortemos a indagação de Lacan referente ao enunciado do mito grego que apareceu quando da abertura da carta: “Que resta agora do significante, quando já sem o lastro de sua mensagem para a rainha?” (1998, p. 43). Poderíamos supor que, do significante, resta um sem sentido, um vazio de sentido que estava no conto desde o início, sob o ciclo das insistentes repetições. Como foi mostrado antes, aquele enunciado também aponta para o fato de que o mito de Atreu e Tiestes está submetido à repetições, quer seja no seu interior, quer seja em relação ao conto “A carta roubada”.

No que toca à cena final, Lacan afirma: “Dupin finalmente vira para nós a face de Medusa desse significante [...]” (1998, p. 44). Segundo a mitologia grega, essa referência à única mortal de três irmãs, era Medusa que, pela maldição de Atena, transformara-se em monstro. Assim, aquele que olhasse, diretamente, o rosto dessa mulher-monstro metamorfoseava-se em pedra. Foi Perseu que, em combate, cortou-lhe a cabeça. Vale notar que, nessa luta, o vencedor guiou-se, em seus golpes de espada, pelo reflexo do monstro no escudo, sem, portanto, fitar-lhe a face. Poderíamos dizer, então, que a única maneira de evitar a petrificação produzida pelo olhar seria guiá-lo através da figura do monstro refletida no espelho do escudo, ou seja, através da imagem e do significante que protegeram Perseu do aterrorizante *vazio de sentido*, vazio representado pela carta, em seus vários deslocamentos ao longo do conto.

Considerações finais

A teoria lacaniana é complexa e o estilo de apresentar o seu pensamento consiste em um desafio, ao exigir do seu ouvinte ou leitor muita atenção para acompanhá-lo. A despeito disso, como diz Milner, “Lacan é um autor cristalino” (1995, p.7), no sentido de que existem na sua teoria, “[...] proposições suficientemente robustas, para ser extraídas do seu campo próprio, para suportar mudanças de posição e modificações do espaço discursivo” (p.8). Pode-se inferir que a trama tecida por Poe funciona como analogia em relação à autonomia das cadeias significantes sobre a significação, na medida em que conseguimos acompanhar o desenrolar da história sem termos informações sobre o conteúdo da carta. Lacan observa que os personagens desconhecem o conteúdo da carta e é por meio de suas ações e reações que o leitor/detetive consegue compreender as soluções oferecidas por Dupin. Lacan usa sua análise desse conto como uma parábola

para sua concepção de psicanálise, segundo a qual “o inconsciente é o discurso do Outro” (1998, p. 2). A partir dessa perspectiva, ele está interessado nos modos como os diversos atores na história se comportam e interagem em relação ao “significante puro”, representado pela carta roubada. Realçamos que Felman (1993) indaga sobre o motivo pelo qual Lacan (1998) decidiu que esse seminário deveria abrir sua obra, *Escritos*. A autora afirma que Lacan “[...] usou Poe para demonstrar sua abordagem de leitura psicanalítica e que a lição que ele revela em Poe é uma lição sobre psicanálise” (1993, p. 300). Efetivamente esse conto de Poe foi de capital importância para o primeiro momento importante na formulação teórica de Lacan sobre a repetição. Nesse primeiro momento, segundo Hutardo (2008), o automatismo de repetição é concebido por Lacan como consequência da lei do significante da cadeia ordenada da linguagem e tem como princípio o que se nomeia por insistência da cadeia significante (Hutardo, 2008).

Nesse momento da trajetória teórica de Lacan, o foco do seu trabalho recai sobre o registro imaginário, como podemos atestar pelo título do Seminário que estava em curso, *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. É no quadro desse seminário que abre um parêntese para “A carta roubada”, por obra do acaso, como ele mesmo confessou. É importante notar que, anos depois, Lacan introduzirá modificações importantes na forma de pensar a repetição, no *Seminário XI*, “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, realizado em 1964, no qual diferencia dois tipos de repetição, inspirado em Aristóteles, *Tiquê* e *Autômaton*. Esse último corresponderia, então, à insistência dos significantes, da cadeia simbólica, enquanto que a *Tiquê* concerne ao que não pode ser evitado, o que é impossível de simbolizar para o sujeito e que Lacan chama de Real.

À guisa de conclusão, acompanhamos Felman (1987) em sua afirmação de que as polêmicas e contradições envolvendo a vida e a obra de Poe acabaram por criar um efeito poético (Poe-etic) significativo não apenas para a poesia, mas também como um caso claramente analítico na história da crítica literária, um caso de interesse para a psicanálise: “[...] Poe, mais do que qualquer outro poeta, foi escolhido como objeto de pesquisa psicanalítica e, persistentemente, atraiu a atenção de críticos psicanalistas” (Felman, 1987, p. 125).

REFERÊNCIAS

ADLER, K. La répétition chez Freud : **Psychanalyse**, (1 partie), Paris, v. 1, n. 38, p. 61-72. 2017. Disponível em: <https://cairn.info/revue-psychanalyse-2107-page-61.htm>

Acesso em: 3 mar. 2024.

ARAÚJO, F. M. A carta roubada e a questão da insistência significante: a verdade em Heidegger e em Lacan. **Theoria**, Pouso Alegre, v. V, n. 12, p. 53-61, 2013. Disponível em: https://www.theoria.com.br/edicao12/a_carta_roubada_fabiola.pdf. Acesso em: 3 mar. 2024.

BONAPARTE, M. **The life and works of Edgar Allan Poe, a psycho-analytic interpretation**. London: Imago Pub. Co, 1949.

BOUISSAC, J. M. Saussure's legacy in semiotics. *In*: SANDERS, Carol (ed.). **The Cambridge companion to Saussure**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004, p. 232-258.

FELMAN, S. **Jacques Lacan and the adventure of insight**. Psychoanalysis in contemporary culture. Cambridge, London: Harvard University Press, 1987.

FELMAN, S. 13. The Case of Poe: Applications/Implications in Psychoanalysis. *In*: BERMAN, Emmanuel (ed.). **Essential papers on literature and psychoanalysis**. New York; London: New York University Press. 1993, p. 300-322.

FREUD, S. [1920]. Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XVIII. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-75.

FREUD, S. [1985]. Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. I. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 335-468.

FREUD, S. [1901]. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. *In*: FREUD S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. VI. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 11-281.

FREUD, S. [1905]. Três ensaios sobre a sexualidade. *In*: FREUD S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. VII. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 119-231.

FREUD, S. [1914]. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). *In*: FREUD S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: v. XII. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 159-171.

FREUD, S. [1891]. **Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico**. Trad. Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FREUD, S. [1895] **Estudos sobre a histeria**. Trad. Paulo César de Souza e Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARROWITZ, N. The Body of the Detective Model. Charles S. Peirce and Edgar Allan Poe. *In*: ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas (eds.). **The sign of three: Dupin, Holmes, Peirce**. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1983, p. 179-197.

HUTARDO, E. **La répétition de Freud à Lacan**. Répéter: destin du sujet et voie du désir. 2020. Disponível em: https://www.lituraterre.org/wp-content/uploads/2020/07/hurtado_M44.pdf. Acesso em: 3 mar. 2024.

JOHNSON, B. The Frame of Reference: Poe, Lacan, Derrida. *In*: FEURSTEIN, Melissa et al. (ed.). **The Barbara Johnson reader**. The surprise of otherness. Durham; London: Duke University Press, 2014, p. 57-98.

LACAN, J. [1978]. **O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. [1981]. **O seminário. Livro 3. As psicoses (1955-1956)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LACAN, J. [1973]. **O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964-1965)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988.

LACAN, J. [1966]. Seminário sobre *A carta roubada*. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988.

MARTINS, G. M. Lacan, leitor de Poe: *A carta roubada*. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL PARA SEMPRE POE, 2009, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 127-130. Disponível em: <https://docplayer.com.br/4852829-Lacan-leitor-de-poe-a-carta-roubada.html>. Acesso em: 3 mar. 2024.

MASSAT, A. Le Moi, Leçons 15, 16, 17. *In*: **Dossier de retour du séminaire d'été**, 2017. Disponível em: <https://www.gnipl.fr/le-moi-et-le-topologie-et-le-temps/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

MILNER, J.C. **L'œuvre claire**. Lacan, la science, la philosophie. L'ordre philosophique. Collection dirigée par Alain Badiou; Barbara Cassin. Paris: Édition Seuil, 1995.

POE, E. A. **The portable Edgar Allan Poe**. Edited J. Gerald Kennedy. New Yor: Penguin Books, 2006.

PRADO, O. O conto policial e as origens da psicanálise. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 119-136, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652009000100009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 3 mar. 2024.

RABATÉ, J. M. Preface. *In*: RABATÉ, Jean Michel (ed.). **The Cambridge companion to Lacan**. UK: Cambridge University Press, 2003. p. XI-XVI.

ROSENBAUM, Y. Literatura e psicanálise: reflexões. **Revista FronteiraZ**. São Paulo, n. 9, p. 225-234, dezembro de 2012. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12194/8844>. Acesso em: 3 mar. 2024.

SEBEOK, T. A. One, Two, Three Spells UBERTY. *In*: ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas (ed.). **The sign of three: Dupin, Holmes, Peirce**. Bloomington: Indiana University Press, 1983, p. 1-10.

THOMS, P. Poe's Dupin and the power of detection. *In*: HAYES, Kevin J. (ed.). **The Cambridge companion to Edgar Allan Poe**. UK: Cambridge University Press, 2004, p. 133-147.

VALAS, P. **Conférence de clôture du seminaire d'hiver**. Paris: Association Lacanienne de Psychanalyse (ALI), janvier 2018.

WEINSTEIN, A. L. Edgar Allan Poe. **Classics in American literature**. Virginia: The Teaching Company Limited Partnership, 1998, p. 27-35.

WEINSTOCK, J. A. Postmodern Poe. *In*: KENNEDY, J. Gerald; PEEPLES, Scott, (ed.). **The Oxford handbook of Edgar Allan Poe**. Oxford Handbooks Online. Oxford University Press, 2018, p. 718-733. Disponível em: <http://www.oxfordhandbooks.com>. Acesso em: 3 mar. 2024

WILLEMART, P. O tecer da arte com a psicanálise. **Literatura e sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 10, p. 56-63, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/articleqview/23610>. Acesso em: 3 mar. 2024.

Data de submissão: 09/12/2023

Data de aprovação: 01/03/2024